

ANO XXI Nº 250
Março / 2019



R\$ 16,20

RNEWS



Revista Rural

www.revistarural.com.br

A revista do setor

A APOSTA DO BRAHMAN

Introduzida no país há 25 anos, raça planeja ampliar seu espaço no mercado, sedimentada em elevado padrão genético

SHOWRURAL CONFIRMA OTIMISMO DO SETOR



26ª FEIRA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA AGRÍCOLA EM AÇÃO

AGRISHOW



**COMPRE SEU
INGRESSO ONLINE
COM DESCONTO**

Patrocinadores



Apoio



Realizadores

Promoção & Organização





A referência no AGRONEGÓCIO

29 ABRIL | 2019
a 3 MAIO | **DAS 8H ÀS 18H**

RIBEIRÃO PRETO - SP - BRASIL



AGRISHOW.COM.BR





Feito do jeito certo,
o sistema de plantio
direto traz ganhos
significativos
ao produtor

15



Novas variedades
prometem maior produtividade
nas lavouras de arroz

36



Tom otimista se refletiu nos
negócios durante a Show
Rural Coopavel 2019

55

Revista Rural é uma publicação mensal da Criação Assessoria Comunicação e Comércio Ltda
Rua Acuruá nº 547 - Vila Ipojuca - São Paulo/SP - CEP 05053-000 - PABX 11 3022-4260 -
www.revistarural.com.br ● **Diretor de Redação:** Flávio Albim (flavio@revistarural.com.br)
● **Repórter:** Bruno Zanholo (bruno.zanholo@revistarural.com.br) Tel 11 94369-6680
● **Diretora Comercial:** Ana Carolina Domingues Albim (carol@revistarural.com.br)
● **Gerente de contas especiais:** Viviane Romão (viviane.romao@revistarural.com.br)
Tel 11 94369-6725 ● **Edição digital:** baixe o aplicativo, disponível gratuitamente na Apple Appstore,
Google Play e Amazon ou leia nossa edição online em <http://www.revistarural.com.br/>



ANO XXI • EDIÇÃO Nº 250
Março/2019

 **Revista
Rural**

NOVO
TELEFONE 11 **3022-4260**

2019 PRÓXIMOS EVENTOS

INSCRIÇÕES ABERTAS

O **DATAGRO Conferences** é considerado o maior centro de relacionamento do agronegócio mundial. Os eventos proporcionam uma experiência transformadora. Excelente oportunidade para os profissionais realizarem networking com os principais nomes do mercado, em uma experiência completa de aprendizado, evolução e tomada de decisão. As conferências reúnem um público estratégico: líderes empresariais, institucionais e governamentais.



ABERTURA
DE SAFRA
CANA 2019-20

13 de março
2019
RIBEIRÃO PRETO



XIII ISO DATAGRO
NEW YORK
SUGAR & ETHANOL
CONFERENCE 2019

15 de maio
2019
NOVA YORK

XP • DATAGRO
**AGRI
FINANCE**
BRAZIL

XP investimentos DATAGRO 

Agosto
2019
SÃO PAULO



19ª CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL DATAGRO
SOBRE AÇÚCAR E ETANOL

28 e 29 de outubro
2019
SÃO PAULO



GLOBAL
AGRIBUSINESS
FORUM 2020

março
2020
SÃO PAULO



     /datagro

PLANTE SUA MARCA EM GRANDES EVENTOS
DO AGRONEGÓCIO MUNDIAL!
Plante sua marca no DATAGRO Conferences!

CONFERENCES.DATAGRO.COM
CONFERENCIA@DATAGRO.COM
+55 (11) 4133.3944

CHINA SIMPLIFICA PROCESSO PARA IMPORTAR CARNES BRASILEIRAS



Em atendimento a proposta do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a autoridade sanitária chinesa aprovou novo formato de credenciamento de veterinários oficiais aptos a assinar Certificados Sanitários Internacionais (CSI) para aquele país.

Com as novas regras, em vez de cada auditor fiscal federal agropecuário poder assinar CSIs apenas por um estabelecimento específico, é criada uma lista única de veterinários habilitados para emissão de certificados sanitários internacionais em qualquer um deles desde

que esteja habilitado pela China

De acordo com a Secretaria de Comércio e Relações Internacionais, a medida reduz significativamente a chance de retenções de carregamentos brasileiros em portos chineses em função de divergências entre as assinaturas constantes na lista e nos CSIs emitidos pelo Mapa.

As novas regras valem para carnes bovina, suína e de aves. Em 2018, o Brasil exportou US\$ 2,593 bilhões em carnes para a China. Trata-se do maior comprador de carnes brasileiras, com 17,6% do total das exportações do produto.



BalPass[®]
PESAGEM INTELIGENTE

O gado passa, o lucro fica.

© Embrapa



Sistema de pesagem remota para a gestão inteligente de manejo.

Em parceria com a **Embrapa Gado de Corte**, a Coimma, pioneira no desenvolvimento de tecnologia de precisão para pecuária, criou BalPass - Sistema Automático de Pesagem em Campo com Envio Remoto de Dados.

Por meio de uma balança de passagem, o equipamento possibilita ao produtor a otimização do manejo do seu rebanho, podendo acompanhar a pesagem e monitorar à distância o ganho de peso diário, um a um, em tempo real.

Os dados são enviados por radiofrequência para a sede da fazenda e em seguida para nuvem via Internet, podendo ser acessados via celular ou computador de qualquer lugar do planeta.

Benefícios:

- Monitore diariamente o ganho de peso do gado;
- Tenha mais praticidade e segurança no controle do rebanho;
- Conquiste mais conforto e tempo;
- Garanta bem-estar animal (sem estresse);
- Processo sem intervenção humana;
- Analise os custos e a margem econômica da atividade;
- Ganhe maior produtividade e rentabilidade;
- Obtenha mais informações para a tomada de decisões.

COIMMA[®]

(18) 3821.9900 - 0800.11.2555
coimma.com.br
Dracena - SP

f /coimma
@coimma
/coimma



ANVISA REAVALIA GLIFOSATO E DESCARTA RISCO DE CÂNCER PELO CONSUMO DE ALIMENTOS

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) reavaliou o risco do glifosato e concluiu que não causa mutações no DNA, o código genético humano (não mutagênico), nem nos embriões ou fetos (teratogênico), não é cancerígeno (carcinogênico) e não é desregulador endócrino (não afeta o sistema hormonal), não afetando a reprodução.

A Anvisa alertou, entretanto, que os trabalhadores que atuam em lavouras precisam ter cuidados especiais. Para isso, são importantes o uso de Equipamentos de Proteção Individual (traje/equipamentos especiais para a aplicação do produto nas lavouras), além do controle para evitar dispersão (deriva) do produto quer seja aérea, terrestre ou na água. A Anvisa utilizou estudos sobre os efeitos do glifosato realizados no Canadá, Estados Unidos e Europa. Também foram analisados dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), que mostraram o perfil de intoxicações por glifosato no Brasil. Os dados do monitoramento de água para

consumo humano no Brasil produzidos entre 2014 e 2016 também foram incluídos para ser conhecido o risco do glifosato aos seres humanos. Foram analisadas 22.704 amostras de água e em apenas 0,03% dos casos havia presença de glifosato em nível acima do limite permitido.

A Reavaliação foi iniciada em 2008, tem cerca de 400 páginas e utilizou dados nacionais sobre agrotóxicos. Entre as informações analisadas estão os números sobre a existência de resíduos destes produtos, feitos em 906 amostras de arroz, manga e uva. A Anvisa decidiu abrir consulta pública, com prazo de 90 dias, para recebimento de sugestões à nova regulamentação de uso do glifosato no país. E já inicia com propostas de proibição de formulações do tipo EW (emulsão óleo em água) para reduzir possibilidade de inalação e absorção pela pele; rodízio de trabalhadores nas atividades de aplicação com trator (mistura, abastecimento e aplicação); equipamento de proteção individual (EPI) e carência para reentrada do trabalhador em áreas tratadas; adoção de tecnologia para redução da dispersão; faixa de segurança de 10 metros na lavoura quando houver povoações a 500 metros de distância; definição do limite de exposição e tolerância para o trabalhador rural.

O glifosato é o produto (ingrediente ativo) mais utilizado no Brasil para a eliminação de ervas daninhas, sendo usado nas lavouras de soja, milho, algodão, arroz, feijão, café, banana, cacau, cana-de-açúcar, citros, coco, fumo, maçã, mamão, nectarina, pastagem, pêra, pêssego, ameixa, seringueira, trigo, uva e nas florestas de eucalipto e pinus.



SUA TERRA MERECE A MELHOR SEMENTE



**SEMENTES
DE ALTA PUREZA**



GARANTE O QUE FAZ

www.pastobras.com.br



Pastobras, novamente a marca mais lembrada
no segmento de integração Lavoura-Pecuária-Floresta





A União Europeia quer deixar de classificar como “renováveis” os biocombustíveis que tiverem um risco de provocar desmatamento considerado “alto”. Na proposta que está em consulta pública no bloco, o biodiesel de óleo de palma deverá perder o status de “renovável” e, assim, não poderá aproveitar a cota para esse tipo de combustível até 2030. Já o etanol de cana-de-açúcar e o biodiesel de soja devem continuar classificados como renováveis. Porém, as atribuições ainda podem mudar.

No esboço da diretiva, aberto a comentários até 8 de março, a Comissão Europeia atribuiu ao etanol de cana (produzido basicamente no Brasil) um risco de impacto indireto sobre o uso do solo de 5%, enquanto para o biodiesel de soja foi atribuído risco de 8%. Deixarão de ser considerados renováveis apenas os biocombustíveis que tiverem um risco superior a 10% – para o biodiesel de óleo de palma, por exemplo, deverá ser atribuído risco de 45%.

Embora as classificações atribuídas aos biocombustíveis de cana e de soja não comprometam sua participação no mandato europeu de renováveis, os produtores brasileiros querem uma revisão dos cálculos de risco indire-

to de desmatamento. A preocupação é menos com impactos mercadológicos, já que o Brasil praticamente não exporta etanol nem biodiesel à Europa, mas com o impacto “político” da avaliação de risco do impacto dos biocombustíveis produzidos no país.

Desde 2015, a União Europeia adota uma diretiva que limita a participação de combustíveis renováveis produzidos a partir de culturas alimentares em 7% da matriz de combustíveis – praticamente o volume que é produzido dentro do bloco. Agora, os biocombustíveis que superarem o risco de desmatamento em 10% não poderão participar dessa cota e só terão espaço no mercado europeu se concorrerem com os combustíveis fósseis. Pelo cronograma previsto na proposta, o uso dos biocombustíveis de “alto” risco nos próximos anos não poderá exceder os volumes de 2019. A partir de 2023, seu uso como renováveis será reduzido gradativamente até zerar em 2030.

Representantes brasileiros que participaram das discussões com a Comissão Europeia afirmam que há erros nos cálculos, que precisam ser corrigidos para não abrirem um precedente de avaliação do impacto em mudança de uso da terra dos biocombustí-

veis produzidos no país. No caso do etanol de cana, a União das Indústrias de Cana-de-Açúcar (Unica) deve apresentar documento na consulta defendendo que o risco é de 2,1%, e não de 5%. Segundo Géraldine Kutas, representante da Unica na Europa, a Comissão Europeia está considerando um fator de produtividade como se a cana fosse um cultivo anual, e não perene, e está utilizando imagens de satélite com baixa definição em comparação às do PRODES, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

Participante do grupo de especialistas sobre o assunto da Comissão Europeia, a consultoria brasileira Agroicone defende que o risco atribuído à cana deveria ser de 0,4% se forem levados em consideração os dados mais burilados. “Vamos comunicar à Comissão pelo grupo de especialistas”, diz Marcelo Moreira, sócio da Agroicone. O percentual de 5% de risco atribuído à cana mantém o

etanol como renovável e não tem impacto no mercado, já que o Brasil exporta pouco à UE. O receio, segundo Kutas, é que uma eventual análise de risco “elevado” influencie nas negociações entre o bloco e o Mercosul. “Nunca estivemos tão perto de um acordo. Se assinarmos e houver um risco considerado ‘alto’, seria triste”, afirma ela. A Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) também deve apresentar comentário reforçando que o impacto da soja no uso do solo não é alto. Segundo André Nassar, presidente da associação, a preocupação é que a atribuição de um risco “elevado” para o desmatamento provocado pela soja nesta discussão se reflita nos debates sobre emissões na cadeia de farelo – produto que o Brasil é um dos principais fornecedores à UE. “Se a soja for considerada de alto risco, vai entrar em choque com outras discussões de emissões, seja no mercado de farelo, seja no RenovaBio”, afirma.

URBANO

www.lojaurbano.com.br

(11) 2628.5601

Caixa Agrícola

- Espaço da gravação personalizada
- Ombreiras para facilitar o transporte
- Dimensões: A31 x L36,5 x C55 cm
- Peso: 1,800 kg
- Capacidade de Carga: 25 kg
- Empilhamento Máximo – 275 kg

Cores:

Hortifruti Granjeiro

- Espaço para gravação personalizada
- Dimensões: A31 x L57 x C77 cm
- Peso: 4,100 kg
- Capacidade de Carga: 50 kg
- Empilhamento – 300 kg

Cores:

Meia Caixa

- Espaço da gravação personalizada
- Caixa Paletizável
- Dimensões: A17 x L40 x C60 cm
- Peso : 1,530 kg
- Capacidade de Carga: 12 kg
- Empilhamento – 144 kg

Cores:

Piso de Plástico

- Dimensões: A4,5 x L50 x C50 cm
- Sistema de encaixe macho-fêmea
- Reduz o atrito em 90%
- Peso: 1,790 kg

Cores:

Enviamos para todo o Brasil - Contamos com outros modelos, **consulte-nos** - contato@lojaurbano.com.br

Inimiga número 1

A *lagarta-do-cartucho* é, entre as principais ameaças à lavoura do milho, a que pode causar maiores prejuízos.

A cultura do milho é atacada por várias espécies de insetos desde a semeadura à colheita. Elas podem atacar as raízes, colmos, folhas e espigas. Dentre as mais prejudiciais à cultura, ou seja, aquelas que atingem maior nível de dano econômico, está a *Spodoptera frugiperda*, conhecida como “lagarta-do-cartucho”. A lagarta-do-cartucho é considerada a mais prejudicial, pois ataca as plantas tanto na fase vegetativa quanto na fase reprodutiva. No Brasil, pode causar prejuízos anuais estimados em mais de U\$ 400 milhões. A redução de produtividade causada pela praga pode atingir 60%, dependendo da época de ataque.

A mariposa durante o dia pode ser encontrada sob a folhagem, próxima ao solo ou entre as folhas fechadas do cartucho do milho, havendo diferença nítida entre o macho e a fêmea.

O ataque inicia pela colocação de ovos nas folhas, geralmente acinzentados, dando origem a lagartas muito pequenas que raspam a folha de milho. A fase de ovo dura cerca de três dias.

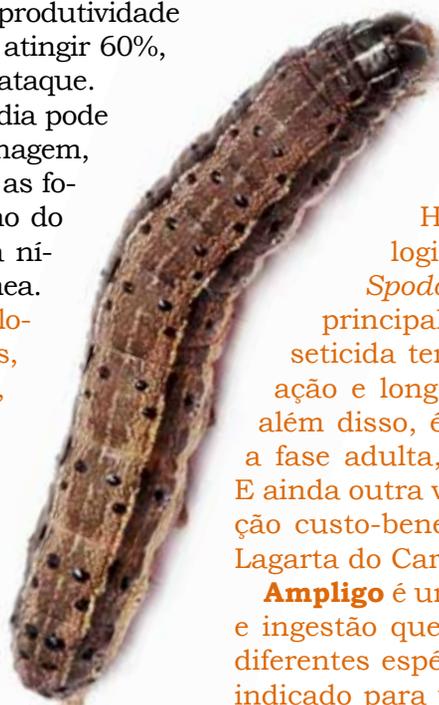
As lagartas inicialmente raspam as folhas mais novas do milho. Nesta fase a lagarta se alimenta de um lado da folha, deixando o outro intacto, dano característico da praga. À medida que as lagartas crescem, aumentam os danos nas folhas e no cartucho do milho. Bem desenvolvida, mede em torno

de 5 cm de comprimento e a fase larval dura de 12 a 30 dias. O reconhecimento da lagarta é feito pela marca em “Y” invertido na cabeça, pelas três linhas longitudinais dorsais branco-amareladas e pelos pontos pretos no corpo. Quando a população é elevada, a lagarta pode causar dano no pendão e na espiga, podendo em muitos casos ser confundida com a “lagarta da espiga” (*Helicoverpa sp*) ou estar presente com a mesma. As lagartas podem comprometer muito a produtividade na lavoura.

Para ajudar o agricultor a agir rápido no controle e evitar perdas, a Syngenta possui em seu portfólio o **Ampligo**.

Hoje, é a melhor tecnologia para o combate da *Spodoptera frugiperda*, a principal praga do milho. O inseticida tem maior velocidade de ação e longo período de controle, além disso, é o único que controla a fase adulta, ou seja, a mariposa. E ainda outra vantagem: melhor relação custo-benefício para controle de Lagarta do Cartucho.

Ampligo é um inseticida de contato e ingestão que ajuda no controle de diferentes espécies de lagartas. Ele é indicado para utilização em culturas como soja, milho, cana-de-açúcar, algodão e trigo. O inseticida combina *Lambda-cialotrina* e *Clorantraniliprole*, dois princípios ativos que em sinergia oferecem alta eficácia contra as pragas e, portanto, proteção da



AUMENTE A LUCRATIVIDADE DA SUA LAVOURA.



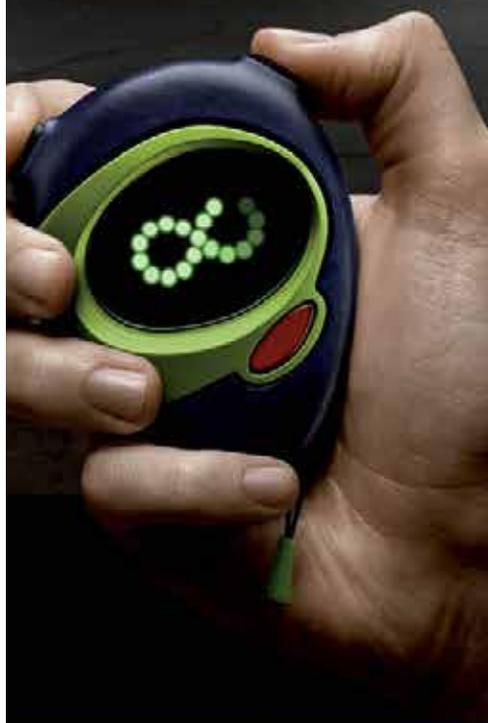
produtividade. Ele age desde a eclosão dos ovos, com residual prolongado, o que garante ação imediata e proteção por muito mais tempo.

Num comparativo com outros produtos disponíveis no mercado para controle de *Spodoptera frugiperda*, a velocidade de ação de **Ampligo** para o controle de lagartas é muito superior. Em experimentos conduzidos em campo e laboratório, verificou-se que após a aplicação de **Ampligo**, as lagartas já demonstraram sintomas de hiperatividade, que leva ao colapso da atividade nervosa, ou de paralisia muscular, impedindo que a lagarta se alimente em apenas 10 minutos; sintomas terminais em até 2 horas. Por outro lado, as lagartas que receberam apenas *Clorantraniliprole*, por exemplo, ainda apresentaram sinais de vida um dia após a aplicação.

A Syngenta entende que tão importantes quanto os bons resultados obtidos nas lavouras são as formas de obtê-los. Toda a atuação operacional da empresa, portanto, está alinhada e atende integralmente aos padrões internacionais de boas práticas, o que inclui as mais eficientes técnicas para a realização de amostragens, monitoramentos e aplicações dos produtos.



**AMPLIGO TEM AÇÃO
IMEDIATA E ATUAÇÃO
POR MUITO MAIS TEMPO!**



 **Ampligo**[®]

syngenta.

Para restrição de uso nos estados, consulte a bula. Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas. Descarte corretamente as embalagens e os restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO, VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.





Tem que fazer bem feito...

Especialista e produtores explicam porque qualidade no plantio direto é fundamental para se obter sucesso com esta técnica de manejo de solo



O sistema de plantio direto consiste em uma técnica de manejo de solo conservacionista que pressupõe o não revolvimento do solo, a manutenção da superfície coberta com palha e a rotação de culturas. De acordo com a Embrapa, 32 milhões de hectares adotam o plantio direto no Brasil. No entanto, apenas aproximadamente 2,7 milhões de hectares seguem este tipo de cultivo agrícola da maneira correta.

Segundo Giancarlo Rocco, gerente de Marketing na Precision Planting, o sistema de plantio direto chegou ao Brasil na dé-

cada de 80 como uma prática conservacionista para controlar a erosão provocada pelas chuvas torrenciais típicas do clima tropical, reduzir a compactação do solo ocasionada pela utilização de maquinário, melhorar a qualidade química do solo e diminuir os impactos ambientais e os custos de produção.

“O surgimento do plantio direto foi um marco para a agricultura brasileira e foi bem recebido pelos produtores. Por outro lado, o sistema ainda não é feito com a qualidade adequada na maior parte das propriedades. Isso acontece, principalmente,



pelas janelas de cultivo cada vez mais curtas, que impactam na falta de alguns cuidados como a regulagem correta de plantadoras e colheitadeiras”, explica.

Diferentemente do plantio convencional, no plantio direto não existe método de preparo com aração e gradagem. No lugar, as palhas e os restos vegetais da colheita anterior são mantidos espalhados pela superfície onde será realizado o plantio seguinte. Com isso, o solo fica protegido contra a erosão provocada pelo impacto das

ANDERSON VENDRUSCOLO: “A REGIÃO TINHA MUITOS PROBLEMAS COM DETERIORAÇÃO DO SOLO, IMPEDINDO O TRABALHO COM MAQUINÁRIO. NESSE SISTEMA, HOVE GRANDE AGILIZAÇÃO DA OPERAÇÃO E MAIOR CONSERVAÇÃO”.

O plantio direto foi um marco para a agricultura brasileira e foi bem recebido pelos produtores. Por outro lado, o sistema ainda não é feito com a qualidade adequada na maioria das propriedades.

chuvas. Problemas com erosão foram as razões que levaram a família Vendruscolo, de Quilombo/SC, a adotar o sistema de plantio direto em 1996. “A região tinha muitos problemas com deterioração do solo, impedindo o trabalho com maquinário. Por meio desse sistema, houve grande agilização da operação e maior conservação do solo, possibilitando a permanência da nossa família na atividade agrícola”, afirma o produtor rural Anderson Vendruscolo.

No início, o cultivo na propriedade era mínimo. Hoje é 100% feito com plantio direto. “Levamos cerca de três safras para obter um resultado satisfatório, até nos adaptarmos e o solo melhorar. Para a agricultura dar resultados, há uma mistura de fatores, mas a qualidade do solo é a matriz para se conquistar todo o resto”, diz Anderson. “A euforia pelo plantio constante, torna a prática agrícola insustentável a longo prazo”, completa.

A rotação de culturas é outra técnica do plantio direto. “Cultivar somente milho e soja, ano após ano, por exemplo, é algo que empobrece o solo, devido à extração seletiva de cada espécie. O recomendado é revezar culturas para manejar a química e a física do solo. Para quem busca descompactação, uma alternativa é introduzir plantas na rotação como braquiária, nabo forrageiro e crotalária por serem plantas de raízes profundas, que quebram a compactação do solo e melhoram suas características físicas”, explica o especialista Giancarlo.





Na lavoura da família Vendruscolo, há a rotação de culturas entre soja, milho, feijão e trigo. “Se agora plantamos trigo e soja, o solo receberá milho na próxima safra. A soja também é intercalada com aveia, que é plantada junto com o nabo forrageiro. Já no manejo de pré-cobertura de inverno, é cultivado capim-sudão ou milheto, responsáveis por proteger o solo antes da cobertura de inverno”, explica Anderson.

A regulagem de equipamentos é outro cuidado feito pela família Vendruscolo. “Fazemos a regulagem do picador da colheitadeira MF 6690 para melhor distribuição da palha sobre o solo. Com isso, os materiais vegetais caem uniformemente, impedindo que faixas de terra fiquem sem palha” diz.

Segundo Airton Francisco de Jesus, diretor superintendente da Agropastoril Jotabasso, de Ponta Porã (MS), a empresa adota o sistema de plantio direto há mais de 30 anos devido a todos os benefícios que esta técnica traz. “As melhorias nas características do solo e da produtividade foram rapidamente observadas. Atualmente, a empresa cultiva soja, milho, aveia e sorgo. Já a braquiária entra para desempenhar um papel fundamental, pois além de ter um volume de massa, é responsável pela reciclagem de nutrientes”, diz Airton.

Engenheiros agrônomos ou os próprios agricultores podem medir a qualidade do plantio direto por meio de indicadores quantitativos como



GIANCARLO ROCCO,
GERENTE DE MARKETING
PRECISION PLANTING:
“O SISTEMA DE PLANTIO
DIRETO CHEGOU AO
BRASIL NA DÉCADA DE
80 COMO UMA PRÁTICA
CONSERVACIONISTA
PARA CONTROLAR
A EROSÃO, REDUZIR
A COMPACTAÇÃO E
MELHORAR A QUALIDADE
QUÍMICA DO SOLO,
ALÉM DE DIMINUIR OS
IMPACTOS AMBIENTAIS.

palha na cobertura do solo, rotação de culturas, eficiência de corte da palha, dosagem do fertilizante e da semente, entre outros. Os parâmetros subjetivos incluem a observação da presença de quebras, desperdícios etc.

Desse modo, seguindo os procedimentos do plantio direto corretamente, é possível reduzir os custos de produção, controlar a erosão, reduzir a temperatura do solo, além de melhorar sua qualidade, aumentar a produtividade e ainda contribuir para uma agricultura mais sustentável.

Cultivar somente milho e soja, ano após ano, é algo que empobrece o solo, devido à extração seletiva de cada espécie. O recomendado é revezar culturas para manejar a química do solo.

2019
expCARROZ
 DO CAMPO À MESA

TECH

14 A 16 DE MAIO - PELOTAS - RS
 CENTRO DE EVENTOS



+15
 PAÍSES
 PARTICIPANTES



70%
 DA PRODUÇÃO
 ORIZÍCOLA



+100
 EXPOSITORES



UM EVENTO
 DE GRANDES
 NEGÓCIOS

EMBARQUE RUMO AO FUTURO DO MERCADO DO ARROZ

[f FB.COM/EXPOARROZ](https://www.facebook.com/expoarroz)

www.expoarroz.com.br

[@EXPOARROZ](https://www.instagram.com/expoarroz)

SEJA EXPOSITOR: (53) 99999-5231 | VENDAS@EXPOARROZ.COM.BR

PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO



MINISTÉRIO DA
 AGRICULTURA, PECUÁRIA
 E ABASTECIMENTO



APOIO INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO

Vinte e cinco anos na trilha certa

Criadores de gado Brahman comemoram em 2019 o “Jubileu de Prata” da raça em terras verde amarelas, consolidada no mercado basicamente por ter construído um padrão próprio e oferta única.

Texto: Ivaris Júnior • Fotos: Divulgação





O Brahman chega aos nossos dias mais forte, levado por selecionadores motivados e reunidos em uma entidade de classe atuante e participativa nas mais importantes mesas de discussão da bovinocultura nacional: a Associação de Criadores de Brahman do Brasil (ACBB), com sede em Uberaba (MG). Mas os motivos são muitos para explicar o sucesso desse gado, concebido por norte-americanos há mais de 100 anos, presente em mais de 70 países e detentor do título de o “Zebu Internacional”. Ao longo de sua jornada pelas fazendas

nos cinco continentes onde é criado, ele viabilizou a produção de carne vermelha de qualidade e em escala, nas regiões mais adversas.

O Brahman foi sintetizado a partir das raças zebuínas Gir, Nelore, Guzerá e Krishna Valley, nos EUA. Em pouco mais de 100 anos, ao lado de taurinos, tornou-se agente formador de outras raças sintéticas, como Brangus (Angus), Santa Gertrudes (Shorthorn), Braford (Hereford), Bravon (Devon), Brahmousin (Limousin), Charbray (Charolês), Chibrah (Chianina), Branor (Normando), Gelbray



(Gelbivieh e Angus) e o Simbrah (Simental). Tal êxito se explica por imprimir características vitais para uma exploração competitiva. Além da rusticidade preponderante do zebu, o Brahman atribui fertilidade, longevidade, habilidade materna, precocidade, melhor rendimento e acabamento de carcaça, docilidade e melhor conversão alimentar.

Na Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), onde possui quase 150 mil animais registrados, e pelo seu Programa de Melhoramento Genético das Raças Zebuínas (PMGZ), a Brahman é a raça que apresenta o melhor ganho de peso, entre todas. Segundo o presidente da entidade cartorial, Arnaldo Manuel de Souza Machado Borges, são muitas as contribuições do Brahman à bovinocultura brasileira, desde que seu primeiro animal foi registrado, em 1993.

PAULO SCATOLIN (à esquerda), PRESIDENTE DA ACBB: "RAÇA TEM MACIÇA PARTICIPAÇÃO NO PMGZ, ENTRE OUTROS PROGRAMAS DE MELHORAMENTO GENÉTICO DE MUITA CREDIBILIDADE.

ARNALDO MANUEL DE SOUZA MACHADO BORGES (à direita), PRESIDENTE DA ABCZ: "SÃO MUITAS AS CONTRIBUIÇÕES DO BRAHMAN À BOVINOCULTURA BRASILEIRA".

“Por sua internacionalidade, abriu muitas portas, conferindo maior visibilidade ao trabalho que se faz aqui no Brasil, inclusive o da ABCZ”, reforça.

Para Machado Borges, a busca pela formação de um Brahman brasileiro conferiu temperamento, precocidade, fertilidade, ossatura forte, habilidade materna, aprumos, frame mais moderado, equilíbrio de costelas e cumprimento de membros

(50x50%). “Quando todas essas características se apresentam, só há um modelo animal, o que resulta em rebanhos criteriosos e de produção padronizada em termos de carcaças”, explica o dirigente.

Segundo ele, o Brahman é importante nos cruzamentos, não só com as raças europeias, mas também com qualquer raça zebuína, até as de dupla-aptidão como o Sindi, em função da he-



terose que ela proporciona. “Estes cruzamentos têm ganhado muita força. Isso para raça é muito importante e vejo os seus criadores trabalham muito bem para isso. Outro ponto importante é a versatilidade da raça para se adaptar a diferentes modelos de exploração, o que para um País continental é decisivo”, reforça.

Quem as enfilera é Paulo Scatolin, atual presidente da

ACBB. “A maciça participação no PMGZ, entre outros programas de melhoramento genético de muita credibilidade, em julgamentos de morfologia, e em estudos sobre a raça realizados por meio de parcerias com reconhecidas instituições de pesquisa, acabou por desenhar e produzir um Brahman genuinamente brasileiro”, destaca. Segundo o dirigente, “não falta reconhecimento ao nosso traba-





ANTÔNIO AUGUSTO
RODRIGUES
MIRANDA,
DIRETOR DA VPJ:
“AS CARÇAÇAS
DO ‘CARNE
BRAHMAN BEEF
PREMIUM’ SERÃO
CERTIFICADAS
NO ABATE POR
UMA EMPRESA
ESPECIALIZADA, QUE
AS SELECIONARÁ
POR QUALIDADE”.

lho, uma vez que hoje exportamos nossa genética para quase toda América Latina”.

No banco de dados do PMGZ, o Brahman possui informações de mais de 342 mil animais, sendo deles 158 mil machos. São 156 mil mensurações de características relacionadas a crescimento, 40 mil de idade ao primeiro parto, 21 mil de stayability, 22 mil de perímetro escrotal, entre outras. Anualmente, pelo desempenho nessas informações, os melhores tourinhos de dois anos passam pelo crivo do Programa Nacional de Avaliação de Touros Jovens (PNAT), de modo que os brahmistas possam identificar a ponta da lança do melhoramento genético. Atualmente são nove reprodutores selecionados com sêmen coletado e disponível para uso.

Outro programa que trabalha com a raça é o levado pela Associação Nacional de Criadores e



Pesquisadores (ANCP). A apuração de Diferenças Esperadas de Progenie (DEPs) pela entidade é realizada desde 2001 e anualmente publica dois sumários de touros com os melhores desempenhos. No último deles, rebanhos de 28 criatórios ofereciam suas informações para 13 características avaliadas. O Brahman ainda está sendo aferido

em eficiência alimentar, ultrassonografia de carcaças e identificação genômica, ou seja, em modernas e atuais ferramentas de seleção.

Os feitos do Brahman brasileiro rompem fronteiras e chegam na “terra mãe”. Em janeiro de 2018, o reprodutor Brahman CABR Mussambê 2264 foi avaliado como o “Melhor Touro

No PMGZ, o Brahman possui informações de mais de 342 mil animais. São 156 mil mensurações sobre crescimento, 40 mil de idade ao primeiro parto e 22 mil de perímetro escrotal, entre outras.



Brahman do Mundo” durante a FWSSR Brahman Show, realizada em Fort Worth, no estado do Texas (EUA). O touro brasileiro é proveniente da seleção de Casa Branca Agropastoril, de Paulo Marques. O reprodutor é de sua propriedade em condo-

mínio com Wilson Roberto Rodrigues, Charles Maia e Paulo Scatolin.

Uma outra conquista recente e que vem agregando a participação dos brahmistas é o julgamento de animais criados a campo. “A iniciativa é voltada a criadores



que não tem tantos recursos para manter o gado em baias e que precisam mostrar a qualidade de seus trabalhos”, explica Scatolin. A iniciativa foi lançada na Expo-Zebu 2018, repetiu-se na Expo-Brahman e vai ser reforçada para a Expozebu 2019.

Uma grife de carne

E as conquistas não param aí. O Brahman nacional ganhou uma marca de carne própria. Trata-se do “Carne Brahman Beef Premium” que chegará ao mercado em 2020. O projeto da



ACBB (*Associação de Criadores de Brahman do Brasil*) em parceria com a empresa VPJ Alimentos, foi lançado durante a 14ª ExpoBrahman, que aconteceu no ano passado. O objetivo do programa em torno de uma marca de carne própria é estimular ainda mais o cruzamento industrial com a raça.

Por meio da inseminação artificial ou de touros em cobertura

a campo, o Brahman está sendo introduzido em fêmeas 1/2 sangue europeu. A produção oriunda será a base do programa. Segundo o diretor da VPJ, Antônio Augusto Rodrigues Miranda, “as carcaças serão certificadas no abate por uma empresa especializada que as selecionará por qualidade”. A base do protocolo consiste em animais ½ sangue Brahman, machos castrados ou

A raça ganha espaço cada vez maior no mercado externo, com exportações para Bolívia, Paraguai, Argentina, Equador, México, Guatemala, Costa Rica, Panamá, Vietnã e até para Colômbia.



fêmeas com idade no abate de até 24 meses, com bom acabamento e gordura de cobertura mínima de 4 mm. “Esta carne será classificada em duas categorias. Uma com maior marmoreio e outra mais magra, porém com maciez garantida”, reforça Miranda.

Negócios aqui e lá fora

Outra conquista dos brahmistas brasileiros são as crescentes exportações. Eles possuem negócios frequentes com Bolívia, Paraguai, Argentina, Equador, México, Guatemala, Costa Rica, Panamá, Vietnã e até para Colômbia. Segundo dados de 2017 da Associação Brasileira de Inseminação Artificial (*Asbia*), a Brahman foi a segunda raça que mais exportou sêmen, com quase 28 mil doses vendidas, perdendo somente

PAULO CASTRO MARQUES, TITULAR DA CASA BRANCA AGROPASTORIL: “O BRASIL ALCANÇOU UM MODELO ANIMAL DE MUITA EXCELÊNCIA E POR ISSO FEZ, POR EXEMPLO, O CAMPEÃO MUNDIAL DA RAÇA, EM 2018”.

para a Nelore. Potrém, vale destacar que foi a única que mais que dobrou em volume de negócios. “Isso significa que o Brasil alcançou um modelo animal de muita excelência e por isso fez, por exemplo, o Campeão Mundial da raça, em 2018”, destaca Paulo Castro Marques, titular da Casa Branca Agropastoril e selecionador de Mussambê.

O brahman brasileiro é produto do cruzamento de linhagens provenientes do EUA, Paraguai, Colômbia, África do Sul e Austrália. Assim resultou animais de aprumos mais corrigidos, assim como prepúcio mais curto e mais próximo do abdômen, tornando os produtos muito mais aptos ao trabalho em propriedades

de modelos extensivo sob forte exigência térmica. Além disso melhorou a carcaça, trazendo para um frame mais moderado em relação ao norte-americano, com as mesmas aptidões frigoríficas, porém mais precoce.

“Quem utiliza o Brahman, não deixa de usá-lo nunca mais”, garante Daniel Dias, brahmista do Estado do Pará e detentor de um dos maiores rebanhos comerciais de fêmeas abrahmadas do País. Antes da raça norte-americana, a fazenda trabalhava com Santa Gertrudis, que é



Segundo dados da Asbia, o Brahman produziu 75 mil doses de sêmen em 2017 e já é a quarta raça mais utilizada no cruzamento industrial no Brasil através da inseminação artificial.

uma raça sintética, onde o zebu-íno formador é o Brahman. “Decidimos investir no zebu e, por coincidência, na época o Brahman estava chegando no Brasil. Um dos objetivos comerciais da fazenda sempre foi a venda de touros. Para comprovar a qualidade da raça fizemos cruzamentos de touros Brahman com vacada comercial zebuína. Este trabalho alavancou nosso negócio com tourinhos. Com o tempo a vacada de campo, por meio de absorção, virou uma vacada Brahman sem registro”, relata.

O Brahman brasileiro, ainda segundo dados da Asbia, produziu 75 mil doses de sêmen em 2017 (ainda não foram divulgados números de 2018) e é a quarta raça mais utilizada no cruzamento industrial no Brasil, com a inseminação artificial; ou seja, sem considerar a ampla atividade na cobertura a campo. Nos leilões realizados em 2018 com venda de seus produtos, a raça registrou valorização superior a 50%, em relação a 2017; comprovando o novo momento de expansão da raça.

“QUEM UTILIZA O BRAHMAN, NÃO DEIXA DE USÁ-LO NUNCA MAIS”, GARANTE DANIEL DIAS, BRAHMISTA DO ESTADO DO PARÁ E DETENTOR DE UM DOS MAIORES REBANHOS COMERCIAIS DE FÊMEAS ABRAHMADAS DO PAÍS.



Sempre dá para melhorar

Empresas e órgãos de pesquisa apresentam ao mercado novas cultivares e pesquisas sobre o arroz, afim de aumentar a qualidade e produção do cultivo

• Texto e fotos: Bruno Zanholo





A orizicultura possui alta capacidade de adaptação a diferentes condições de solo e clima, e tem duas maneiras principais de ser praticada. Uma delas é pelo sistema de várzeas, que representa maior volume de produção no Brasil, onde as plantas são irrigadas por inundação controlada. Já a outra é por terras altas, englobando o sequeiro e com irrigação suplementada via aspersão – este tipo tem predomínio de utilização na região Centro-Oeste do País.

O Estado do Rio Grande do Sul, dentre outros pontos, é famoso por suas uvas, que dão vinhos saborosos e de alta qualidade e suas carnes nobres, indicadas para se realizar o bom churrasco gaúcho. Mas, além disso, na agricultura há também forte atuação na orizicultura, tão importante para a região e o País. Presente diariamente na mesa do brasileiro, o alimento tem um processo

de produção que o difere do convencional, como visto na soja, ou no milho, por exemplo.

Se tratando de negócios, o Estado gaúcho é responsável por mais de 70% de produção nacional. “Em outros cultivos não vemos tanto esta participação, por isso aqui os pacotes tecnológicos são diferenciados”, declara Ariano de Magalhães Júnior, pesquisador da Embrapa Clima Temperado, na área de melhoramento genético do arroz. Segundo ele, a entidade possui uma forte atuação em fazer essa estabilização de mercado para não ficar dependente das tecnologias da iniciativa privada.

“Hoje sabe-se que uma lavoura é cara e então trabalhamos e temos projetos de trabalhar cada vez mais com sustentabilidade e uma rentabilidade econômica mais eficiente”, diz. Em cima disso, a Embrapa possui um projeto de implantação na lavoura, deno-



midado de “Manejo Racional da Cultura”, no qual preconiza-se não utilizar tanto os pacotes tecnológicos, justamente para reduzir os custos. “Para exemplificar, preferimos produzir oito toneladas por hectare gastando seis, do que produzir dez toneladas gastando nove. Esse é nossa filosofia, para que tenhamos maior rentabilidade da lavoura”.

Dessa forma, para realizar a evolução desta cultura em solo nacional, as empresas e instituições lançam seus produtos, cultivares e novidades, com o objetivo de atender as demandas que vem do setor. Assim, Magalhães diz que a entidade possui alguns lançamentos de variedades em relação a orizicultura irrigada. “Como destaques, temos três cultivares de ciclos bem distintos para dar opção ao produtor”, comenta. Uma delas é a BRS Pampeira, cultivar de ciclo médio a tardio, que tem em torno

“HOJE SABE-SE QUE UMA LAVOURA É CARA E ENTÃO TRABALHAMOS E TEMOS PROJETOS DE TRABALHO CADA VEZ MAIS COM SUSTENTABILIDADE E UMA RENTABILIDADE ECONÔMICA MAIS EFICIENTE”, DECLARA ARIANO DE MAGALHÃES JÚNIOR, PESQUISADOR DA EMBRAPA CLIMA TEMPERADO.



“DESENVOLVEMOS PESQUISAS EM TODAS AS ÁREAS PARA TERMOS FERRAMENTAS SUFICIENTE E LAVOURAS MAIS LIMPAS E MAIS ECONÔMICAS”, DIZ GABRIELA DA FONSECA, DOUTORA EM FITOMELHORAMENTO DO INSTITUTO RIO GRANDENSE DO ARROZ (IRGA).

de 135 dias da emergência à maturação, com alto potencial produtivo, atingindo até 12 toneladas por hectare. “A média do Rio Grande do Sul é 7.500 kg/ha. Então, nota-se a diferença genética e de manejo que conseguimos com ela, que apresenta grão de qualidade, com vantagem de ter resistência às principais enfermidades da lavoura”, declara.

Agregando valores

Para dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela Embrapa, o pesquisador comenta que além da BRS Pampeira, a entidade tem destacado bastante a BRS Pampa CL, de ciclo precoce - em torno de 118 dias no RS. “Ela é a evolução da BRS Pampa convencional, que já está no mercado desde 2011 e é utilizada pela indústria como arroz premium, ou arroz nobre”, diz.



Hoje, para se atingir este nível, o arroz deve ter melhor qualidade de grãos, tanto em termos de rendimento, quanto em vitricidade, além de baixa incidência de gesso. “Isso o transforma num alimento macio e solto após a cocção”. Dessa maneira, a indústria tem bonificado a Pampa convencional em torno de R\$ 4,00 por sacco a mais do que as demais cultivares da cultura. “Buscando a evolução deste trabalho, introgredimos um gene de resistência para que ela pudesse controlar as plantas invasoras e o arroz vermelho, principal invasora da lavoura orizícola”, declara Magalhães.

O pesquisador ressalta que no trabalho desenvolvido pela Embrapa, estas variedades apresentadas possuem resistência às principais enfermidades da cultura, e, a Pampa convencional além de ser precoce, permite menor utilização de água, com economia de até 15%. “Também é eficiente

“ESTAMOS CONSTRUINDO CADA VEZ MAIS NOSSO ESPAÇO MERCADOLÓGICO COM NOSSAS COLHEITADEIRAS NESSE SEGMENTO TÃO IMPORTANTE PARA O BRASIL”, DECLARA ANDREO FRANCO, GERENTE DAS FILIAIS PELOTAS E CAMAQUÃ, DA MASSEY FERGUSON.



na produção em termos de conversão com os nutrientes aplicados, ou seja, necessita de menos adubação, menos nitrogênio na cobertura em relação as demais cultivares”, diz. Segundo ele, a empresa recomenda que não passe dos 90 kg de nitrogênio em sua cobertura. “Assim sendo, ela apresentará um teto produtivo de dez toneladas por hectare”. Já a Pampa CL foi feita aos mesmos moldes da convencional, uma vez que foi resgatado 99,7% de seu genoma, o que a faz ser considerada essencialmente sua derivada.

Outra variedade de destaque, está lançada em 2018, é a BRS A701 CL, e Magalhães diz ela se apresenta produtiva e adaptada ao

O Rio Grando do Sul é responsável por mais de 70% de produção nacional de arroz. A média do estado por hectare é de 7,5 toneladas, mas há propriedades que chegam a 12 t/ha.

clear field, sistema que utiliza um gene de resistência a herbicidas que também permite o controle do arroz vermelho. “Estamos com grandes expectativas quanto ao avanço da sua aceitação no mercado e é desta maneira, apresentando e trabalhando cultivar atrás de cultivar que desempenharemos da melhor maneira a cultura aqui no Sul e também em todo Brasil”, declara o pesquisador

Reforçando as opções

Para que os produtores tenham mais opções em um leque aberto entre iniciativa privada e órgãos públicos, o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), aposta também em cultivares e dispõe o que há de mais tecnológico em seu portfólio para a orizicultura.

Gabriela da Fonseca, doutora em fitomelhoramento do instituto, diz que é necessário passar aos produtores os resultados que tem alcançado nas pesquisas, divulgando o trabalho, uma vez que o Irga é uma instituição que tem atuação voltada para os produtores, com o intuito de favorecer a lavoura orizícola. “Temos um

novo material que é cultivar Irga 431 CL, e ela veio para substituir as áreas de 424 RI, cultivar plantada em uma área de 40% do Estado e a muito tempo cultivada”, diz. Segundo ela, essa nova opção vem para suprir um problema que há na 424 RI. Trata-se da qualidade dos grãos, que acaba penalizando o valor do arroz no mercado. “Então a 431 CL possui alta qualidade, tendo sido avaliada por nove indústrias, onde todos nos deram retornos positivos. Isso faz com que nossa expectativa seja a melhor possível, pensando até em competir como cultivar premium no futuro”.

Afim de colaborar com os produtores e com os manejos envolvidos na cultura, como fazer rotação com soja e milho, por exemplo, a pesquisadora diz que o Irga tem um papel importante como um órgão público do Rio Grande do Sul. “Desenvolvemos pesquisas em todas as áreas para termos ferramentas suficiente e lavouras mais limpas e mais econômicas”, declara. Segundo ela, o instituto visa buscar materiais que utilizem menos fungicidas, para ter menor risco de contaminação dos grãos e assim gerar melhores



“O AGRICULTOR SABE QUE NECESSITA TER ESTE PACOTE HIGH-TECH EM MÃOS, SENÃO NÃO VAI CONSEGUIR TRAZER MAIS RENTABILIDADE PARA O SEU DIA A DIA”, COMENTA JEFFERSON KOHLER, GERENTE COMERCIAL DA REGIÃO SUL, DA NEW HOLLAND.

produtos para o mercado. “Está é uma de nossas maiores preocupações, inclusive nutricionalmente falando”.

Pensando nos resultados deste ano, Gabriela comenta que alguns lugares começaram a colher um pouco antes da abertura oficial da colheita. “Temos diversas safras prontas com alta qualidade, e lavouras que utilizam 424 RI prontas para serem colhidas. A expectativa é que a média de produtividade seja de oito mil toneladas, como vem sendo ao longo dos últimos anos”. Já Magalhães cita que na colheita deste ano observou-se que houve problemas na implantação da lavoura, além das temperaturas baixas. “O mês de janeiro teve bastante nebulosidade, e problemas de enchentes na fronteira oeste”. Isso, segundo ele, acarretará em algumas perdas previstas em até 15% de safra, o que vai diminuir o volume

de colheita do Estado, causando alguns problemas em relação ao estoque.

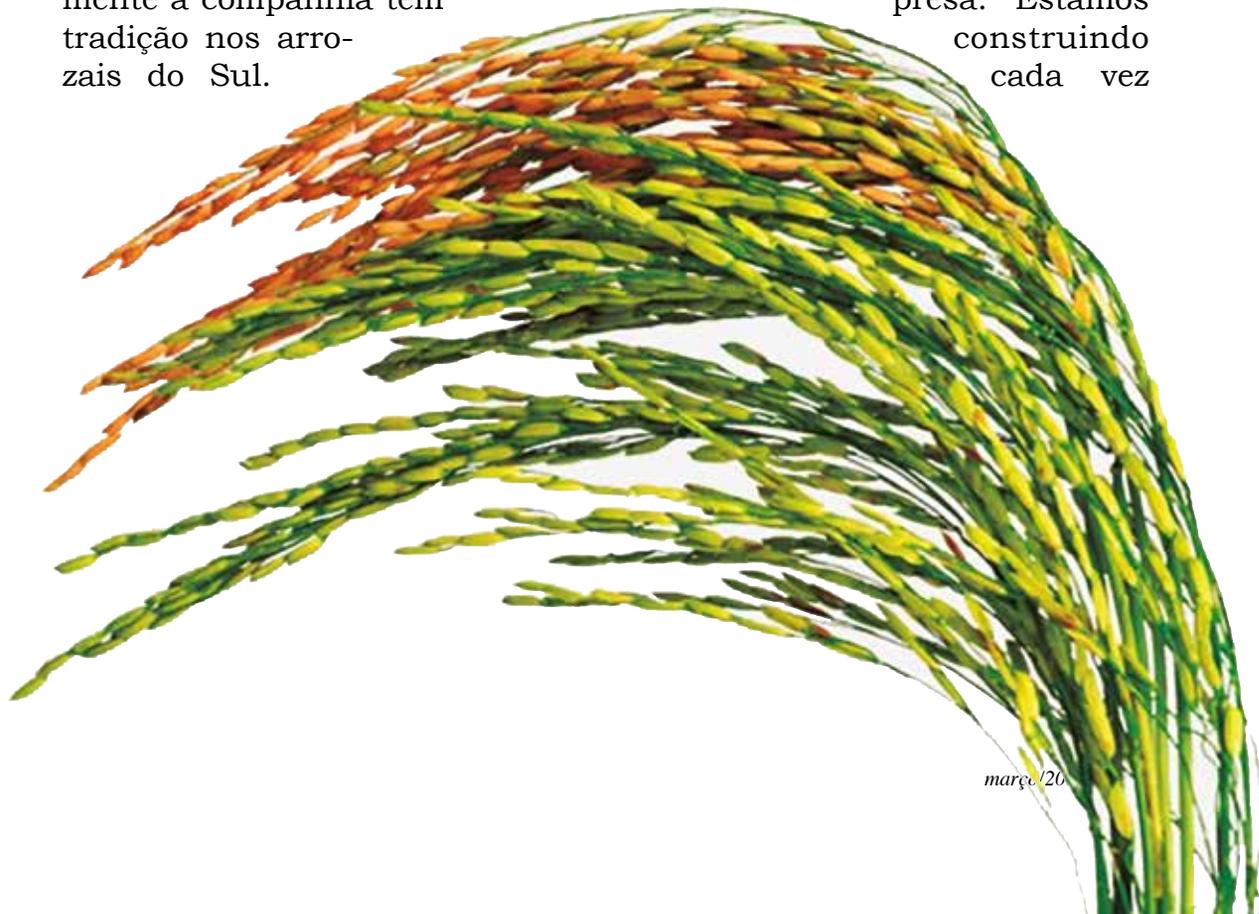
Para plantar, cultivar e colher

Presentes no dia a dia do produtor rural, as máquinas agrícolas tem fundamental papel para que qualquer tipo de cultura dê frutos e rendimento nos campos do agro. No arroz não é diferente. Um segmento que tem suas particularidades no cultivo também necessita de bom maquinário para que o homem do campo termine o ciclo produtivo com dinheiro no bolso, ao invés de dores de cabeça.

Para ajudá-lo nesta missão, Andreo Franco, gerente das filiais Pelotas e Camaquã, da Massey Ferguson, declara que historicamente a companhia tem tradição nos arrozais do Sul.

“Nossas colheitadeiras são tradicionais neste cultivo, e temos atualmente os modelos híbridos MF 5690 e MF 6690, que vem na sucessão das 5650, já consolidadas no mercado”. O gerente conta que as colheitadeiras basicamente tem como suas principais culturas a soja e o arroz e vem com tecnologia de ponta embarcada, com monitoramento de produtividade e de frota no campo. “Independentemente se ela está geolocalizada ou geoposicionada, o produtor no escritório sabe do andamento desse maquinário. Além disso, todas têm piloto automático, o que facilita a vida do operador”, declara.

Mesmo com menor fatia de participação de mercado no universo Massey, Franco diz que a orizicultura tem grande representatividade dentro da empresa. “Estamos construindo cada vez





mais nosso espaço mercadológico com nossas colheitadeiras nesse segmento tão importante para o Brasil”.

Para não ficar para trás, a concorrência também se faz presente neste cultivo, e Jefferson Kohler, gerente comercial da região Sul da New Holland, comenta que a empresa também tem opções completas que atendem esta cultura, afim de dar suporte ao produtor rural. “Lançamos em agosto do ano passado a TC 5090 híbrida, que foi desenvolvida especialmente para atender o mercado orizícola. Ela é uma máquina adequada para a cultura,

com potência ajustada e cilindros preparados para a debulha do arroz”, declara. Segundo ele, a companhia vem investindo em tecnologias para atender o mercado arroseiro. “Preconizamos todo e qualquer mercado, seja de milho, soja, cana-de-açúcar ou arroz, e aqui no RS esta cultura está enraizada em nós, nos pedindo uma atenção especial com máquinas adequadas”.

Necessário para que o produtor tenha melhor resultados, cada vez mais os maquinários saem de fábrica com tecnologias embarcadas, e para Kohler isso é uma tendência que vem se consolidan-



do. “O agricultor sabe que necessita ter este pacote high-tech em mãos, senão não vai conseguir trazer mais rentabilidade para o seu dia a dia”, comenta.

Defensivos também buscam espaço

Com o desenvolvimento de soluções químicas para o setor, as empresas que trabalham com defensivos agrícolas sabem que são necessários produtos que vençam as pragas e doenças da lavoura de arroz, ou que ao menos diminuam seus impactos. Assim sendo, a Corteva, por exemplo, tem parceria com a cadeia orizícola e para Rafael Bolsson, gerente de marketing de campo da companhia, é importante estar em contato com este mercado como um todo.

“Temos um portfólio robusto para as mais diferentes culturas, e para este segmento destacamos o Ricer, herbicida reposicionado para também

RAFAEL BOLSSON, GERENTE DE MARKETING DE CAMPO DA CORTEVA, DIZ QUE A COMPANHIA ESTÁ PREPARANDO AINDA PARA ESTÁ SAFRA O LANÇAMENTO DE UM NOVO HERBICIDA, QUE TEM O RINSKOR COMO SUA MOLÉCULA.



ser utilizado na pré-emergência, além do posicionamento em pós-emergência que já tinha ao longo dos últimos anos”, diz. Fora este e outros produtos da linha arroz, a empresa prepara o lançamento de um herbicida para este ano. “Ainda não possui nome comercial, mas irá ser uma ferramenta de controle das principais plantas daninhas presentes na cultura orizícola”. O que se sabe é o nome da molécula, Rinskor, e o produto está em fase final de registro, devendo sair nos pró-

ximos meses, já sendo comercializado nesta safra.

Bolsson comenta que a Corteva está realizando investimento em capacitação e treinamentos, além de ações a campo em diferentes regiões do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Tocantins, afim de preparar os distribuidores e informar melhor os produtores sobre a utilização do novo produto. “Esperamos que antes do lançamento oficial, na entressafra, possamos realizar diversas palestras técnicas”, diz.

Quem nunca
usou Dectomax,
que aplique
a primeira dose.



Liderança absoluta
há mais de 20 anos



Completo e
altamente eficaz



Ampla espectro:
combate endo
e ectoparasitas,
inclusive bernes
e bicheiras



Copyright Zoetis Indústria de Produtos Veterinários Ltda.
Todos os direitos reservados. Manual produzido em março/2012.

DECTOMAX. A EXPERIÊNCIA CONTA.

Acesse o clipe exclusivo da campanha e muito mais: www.zoetis.com.br/dectomax

PARA OS ANIMAIS. PELA SAÚDE. POR VOCÊ.

zoetis



União de forças

Associação dos neloristas de Goiás se juntam ao Grupo Matsuda para ações de fomento à raça no estado.

Uma parceria em prol do desenvolvimento do Nelore no Estado de Goiás foi anunciada pela Matsuda (Unidade Goiânira) e a Associação dos Criadores de Nelore de Goiás (ACNG). O anúncio aconteceu durante a solenidade de encerramento das comemorações dos 70 anos da marca. O presidente da entidade, Eurico Velasco, afirmou que se trata de uma grande e corajosa parceria entre as duas marcas, Matsuda e Nelore Goiás, que se traduzirá em muitos novos negócios e clientes para ambas.

“A raça Nelore está na formação do nosso rebanho, que começou com seis mil cabeças e hoje representa mais de 200 milhões, espalhadas por todo o continente nacional”, destacou Fernando Carvalho, médico veterinário, responsável pela formulação dos suplementos minerais da Matsuda, acrescentando que a nova parceria é uma honra para o Grupo, pois o País chegou ao nível que a pecuária tem hoje, graças ao Nelore, na base da formação do produto carne. “Qualquer carne que se coma, terá sempre pelo menos meio sangue Nelore”, enfatizou. Já o representante

LEONARDO MATSUDA: “TEMOS ORGULHO DE SERMOS UMA EMPRESA QUE NASCEU DA PAIXÃO PELO CAMPO, ALIADA AO TRABALHO DURO DOS NOSSOS FUNDADORES”.





VITOR SAMMI:
“NOSSO
PATRIMÔNIO
LÍQUIDO NÃO É
MEDIDO ATRAVÉS
DE DÓLAR, DE EURO
OU REAL. NOSSO
PATRIMÔNIO É
MEDIDO PELO
VALOR DAS PESSOAS
QUE TRABALHAM
PELA CONSTRUÇÃO
DESSA MARCA”.

capixaba da empresa, Carlos Tadeu Bastos Rosa, principal articulador da parceria com a ACNB, há oito meses, comemorou a aliança com os goianos, anunciando que no último dia 20 de fevereiro, foi firmada parceria com a entidade nelorista de Mato Grosso do Sul, assinada pelo presidente Celso Gaioto, lembrando que a parceria com a Nelore Capixaba já existe desde 2009.

Leonardo Cerise Júnior, diretor-comercial do Grupo Matsuda, Divisão de Minas Gerais, assinalou a importância do produtor pecuarista, o elo mais importante dessa corrente, para quem a empresa envida todos os seus esforços, há sete décadas, não economizando em pesquisas e tecnologia, para trazer resultados cada vez mais eficientes para o campo e a pecuária, de modo que se tornem cada vez mais competitivos e lucrativos. “A Matsuda Goiânia é a planta que mais cresce, dentro do grupo e acreditamos que seja a que tem o maior potencial de crescimento”, informou. “Goiás respira agropecuária e tem vocação nata para este segmento, por isso, a Matsuda veio para o estado, para apoiar esse desenvolvimento, sendo uma grande parceira dos seus clientes”, observou, agradecendo-os pela fidelidade e colocando-se à disposição para sempre atendê-los. “Temos orgulho de sermos uma empresa que nasceu da paixão pelo campo, aliada ao trabalho duro dos nossos fundadores, pais e avós que, há 70 anos, conjugam o verbo trabalhar de manhã à noite, em todas as estações do ano, du-

rante os tempos bons, e mais ainda, nos tempos adversos”, emendou Leonardo Matsuda.

Victor Sammi, outro jovem expoente da nova geração Matsuda-Sammi complementou as palavras do primo, enfatizando que a Matsuda foi construída por milhares de mãos e que este é um ensinamento que ele pretende levar pelo resto da sua vida profissional. “Nosso patrimônio líquido não é medido através de dólar, de euro ou real. Nosso patrimônio é medido pelo valor das pessoas que trabalham pela construção dessa marca”. Hoje, Goiás tem o segundo maior rebanho do Brasil, com 22,8 milhões de cabeças, segundo o IBGE de 2017, o que corresponde a 6,3% do PIB nacional.

Davi Aliano, gerente geral da unidade Matsuda de Goiânia, responsável pela organização do evento, fez questão de salientar que, se não fosse a visão empreendedora do prefeito de Goianira Carlos Alberto Andrade de Oliveira, que abraçou a disposição da Matsuda em estabelecer uma unidade no Distrito Industrial de Goiânia, há sete anos, talvez o sonho tivesse sido adiado um pouco mais, mas teria florescido em algum momento da história recente do Estado, porquê os goianos não deixam por menos, na hora de tocar o berrante. “Não deve ser por outra razão que a canção sertaneja brota tão forte aqui em solo goiano, o coração do Brasil”, observou, finalizando com um agradecimento ao companheirismo de sua esposa Emanuelle Soares na condução dos negócios e administração da Unidade da Matsuda Goianira.



LEONARDO CERISE JÚNIOR: “A MATSUDA GOIÂNIA É A PLANTA QUE MAIS CRESCE, DENTRO DO GRUPO E ACREDITAMOS QUE SEJA A QUE TEM O MAIOR POTENCIAL DE CRESCIMENTO”.



MATSUDINHA E ALINE MATSUDA: RESPONSABILIDADE SOCIAL É PALAVRA DE ORDEM NA EMPRESA, QUE VEM ATUANDO EM DIVERSAS ÁREAS IMPORTANTES.

Assim, foi a vez do Hospital do Câncer de Goiás (HCG) receber essa ajuda.

Para selar esse compromisso com as obras do HCG, Aline Matsuda, diretora executiva do Grupo, chamou ao palco o personagem Matsudinha, criado para representar a marca nos projetos de Responsabilidade Social e Esportiva da empresa. Ela lembrou que a

Matsuda já patrocina, há décadas, atletas paraolímpicos de canoagem, campeões de jiu-jitsu, bikers, times de futebol, e projetos de sustentabilidade como o Quelônios (RD), de resgate e devolução à água de milhares de tartarugas e jabutis, na fronteira entre o estado de Rondônia e a Colômbia – projeto que já foi alvo de elogios do Greenpeace e prêmios internacionais.



DAVI ALIANO: AGRADECIMENTO AO COMPANHEIRISMO DE SUA ESPOSA EMANUELLE SOARES NA CONDUÇÃO DOS NEGÓCIOS E ADMINISTRAÇÃO DA UNIDADE DA MATSUDA GOIANIRA.

Festa e ação social

Após ter passado por um grave problema de saúde, nos últimos dois anos, do qual encontra-se plenamente restabelecido, o diretor-presidente do grupo, Jorge Matsuda, teve publicada sua biografia, cuja arrecadação das vendas vem sendo revertida aos hospitais do câncer de cada região onde a marca Matsuda está presente.

No tom certo

Show Rural 2019 registra grande movimentação e resultados apontam o termômetro para o mercado no ano.

Texto: Bruno Zanholo • Fotos: Davi Canto e Mickael Allan





“ESTAMOS MUITO FELIZES E SOMOS GRATOS A TODOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA TORNAR ESSE EVENTO POSSÍVEL”, DIZ DILVO GROLLI, PRESIDENTE DA COOPAVEL.

A cidade de Cascavel, no oeste do Paraná, mais uma vez recebeu o Show Rural Coopavel, evento que abre o circuito das grandes feiras do agronegócio. E sua 31ª edição foi considerada um sucesso por seus organizadores, e marcas que lá estiveram expondo seus produtos. Neste ano, o público visitante registrado ficou na casa das 288.802 pessoas e a movimentação financeira chegou a R\$ 2,2 bilhões. Os números são recorde para uma única edição da feira, que reuniu 520 expositores. Dilvo Grolli, presidente da Coopavel, diz que tais dados representam o bom momento bra-

sileiro, de retomada da confiança no governo e no futuro do País. “Estamos muito felizes e somos gratos a todos que contribuíram para tornar esse evento possível”.

Em cima disso, e aproveitando o bom humor do mercado, após comprar a Monsanto, a Bayer aproveitou o Show Rural para apresentar as novas diretrizes da empresa. Com portfólio integrado, as perspectivas da companhia vão de encontro com o positivismo em que se encontra o agro brasileiro. Márcio Santos, diretor comercial da Bayer comenta que este novo passo é importante pensando no futuro, e a feira por

ser um dos principais eventos do setor, foi o cenário ideal para apresentar ao público estas diretrizes. “Estamos falando de soja, de soluções em defensivos, agricultura digital e tudo mais que podemos oferecer ao produtor”.

O diretor conta que a visão que enxerga para o que vem pela frente é de uma empresa capaz de investir em tecnologia e inovação, com a missão de trazer mais sustentabilidade e ajudar o produtor brasileiro a produzir mais, numa área em que ele possa aproveitar cada hectare. “Queremos fazer isso através da agricultura digital, mudando o patamar desse nosso segmento. Temos que inovar com sustentabilidade e transformação digital, fazendo isso com responsabilidade”, declara. Isso se deve ao tamanho do investimento feito, cerca de 2,4 bilhões de euros por ano, o que, segundo ele, representa 1/4 do que o setor investe.

Para o produtor que tem dúvidas sobre como funcionará a questão dos produtos agora com essa junção definitiva, o executivo diz que os pontos de vendas continuarão os mesmos. “Todos pontos de contatos seguem iguais. Nosso compromisso é fazer a transição interna, sem que os clientes percebam. A nossa rede de distribuidores continua pronta para atendê-los e assim, com serenidade faremos essa mudança dentro da companhia”.

Também forte atuante na área de defensivos, a Corteva

“NOSSO COMPROMISSO É FAZER A TRANSIÇÃO INTERNA, SEM QUE OS CLIENTES PERCEBAM. A NOSSA REDE DE DISTRIBUIDORES CONTINUA PRONTA PARA ATENDÊ-LOS E ASSIM, COM SERENIDADE FAREMOS ESSA MUDANÇA DENTRO DA COMPANHIA”, DECLARA MÁRCIO SANTOS, DIRETOR COMERCIAL DA BAYER.





DIEGO RORATO, DA ÁREA DE MARKETING ENLISTA, DA CORTEVA, CONTA QUE ESTÁ É A EVOLUÇÃO DO MANEJO DE PLANTAS DANINHAS NAS CULTURAS DE SOJA E MILHO.

minação das daninhas”, declara.

Para expor os detalhes de seu portfólio, a Syngenta optou por explorar o conceito de futuro, assim os visitantes da feira tiveram a oportunidade de vivenciar de perto as experiências interativas propostas

preparou um espaço altamente tecnológico para que os público do evento pudesse visitar e conhecer a tecnologia Enlist. Os visitantes eram convidados a fazer um tour no qual entenderam o que é Enlist e como cultivar o futuro por meio dessa evolução.

Diego Rorato é da área de marketing Enlist para o Sul do Brasil, São Paulo e Paraguai, e conta que está é a evolução do manejo de plantas daninhas nas culturas de soja e milho, com aplicação de 2,4-D, glifosato e glufosinato em pós-emergência da soja, para manejar as daninhas que têm grande dificuldade de controle, e maximizar o potencial produtivo de cada propriedade. “A tecnologia irá ajudar o produtor no manejo permitindo que a plantação desempenhe seu máximo ao final da colheita, além de auxiliar em relação a matocompetição, e na eli-

no estande da marca, através da plataforma Fazenda do Futuro.

Renata Moya, gerente de comunicação mercadológica da Syngenta diz que a empresa está levando para o mercado o “Experimente o futuro com a Syngenta hoje”, onde mostram aos produtores que a companhia possui tecnologia e pacote de produtos completo. “Isso é algo que o produtor pensa estar longe de acontecer, mas conseguimos viabilizar já no presente. Estamos falando de portfólio completo, feito de tecnologias, defensivos, sementes e agricultura digital”, diz Renata. Segundo ela, é isso que a empresa quer levar em suas interações no campo, proporcionando experiências ao produtor. “Qualquer coisa que realizamos visa que o nosso cliente tenha uma novidade a sua disposição para

RENATA MOYA, GERENTE DE COMUNICAÇÃO MERCADOLÓGICA DA SYNGENTA: “O ‘EXPERIMENTE O FUTURO COM A SYNGENTA’ APRESENTA AO PRODUTOR UM PORTFÓLIO COMPLETO”.

utilizar na agricultura e fazer com que sua produção evolua cada vez mais”.

Máquinas vão bem

Um dos setores que mais se destacam no Show Rural, o de máquinas agrícolas contou com a presença das principais marcas do mercado, apresentando o que há de mais novo em tecnologia para os clientes do campo. Nesse embalo, a Jacto lançou um pulverizador com carregamento eletrostático das gotas e assistência de ar. Trata-se do Uniport 3030 EletroVortex, que permite que o defensivo atinja as partes mais inferiores das culturas, melhorando a deposição tanto na parte superior, quanto na inferior das folhas.

Paulo Guirao, gerente de produtos da marca, diz que eletrovortex é a junção de outras duas tecnologias de aplicação que trabalham integradas por assistência de ar vortex, que o agricultor já conhece. “Com carregamento eletrostático das gotas temos um bocal perto do bico, alimentado com uma alta voltagem. Ele fica carregado com cargas positivas,



e então nessa região atraindo cargas negativas e, no momento em que a gota de pulverização passa pelo bico, ela sairá com as cargas negativas. Aí é que o vortex entra em ação, levando essa gota para dentro da cultura, fazendo a pulverização chegar nas partes inferiores das culturas, como o baixeiro, por exemplo”, explica.

Dessa maneira, como a cultura vai estar carregada eletrostaticamente, ela vai ser atraída por todas as partes da planta, incluindo a face inferior das folhas, então a tecnologia melhora a deposição e aplicação como um todo.

Entre os benefícios que o produtor pode ter com este maquinário, destaca-se o rendimento operacional do pulverizador. “Como há uma barreira de proteção para as gotas contra a deriva, ele fica menos suscetível a paradas devido a inversão térmica ou vento mais



FERNANDO PETROLI,
SUPERVISOR DE MARKETING
DA MASSEY FERGUSON.

isso a gota chega melhor na planta, melhorando a disposição e sem falhas de aplicação. O 9330 traz um pacote tecnológico para a agricultura de precisão e um controle central desenvolvido em parceria com um fornecedor da Massey. “Todo quadro central da máquina gira em até 16 graus, então além das barras levantarem, o produtor consegue manter a preci-

forte”, declara Guirao. Com isso, a máquina trabalha mais horas dentro de um dia, e com taxas de aplicação menores, resultando menos paradas para abstercer. “Isso significa maior tempo de operação no campo, o que resulta em até 35% a mais do que o convencional”.

Com investimentos e tecnologia de ponta, a Massey Ferguson levou para a feira o MF 9330, pulverizador que garante máxima qualidade na aplicação com alta potência e robustez. O supervisor de marketing da companhia, Fernando Petrolí, diz que o intuito no desenvolvimento desse projeto foi entregar uma barra nova que faça o trabalho o mais próximo do perfeito para o produtor. “Buscamos encontrar a melhor estabilidade de barra possível, depositando a gota no alvo e sempre mantendo a distância entre o bico e planta o mais uniforme possível”. Segundo ele, com

são com a distância entre o bico e a planta, melhorando a performance”, declara Petrolí.

Show Rural pecuário

Também presente no evento, o setor da pecuária aproveitou a feira para mostrar suas novidades aos visitantes. Os suplementos nutricionais tecnológicos da DSM Tortuga, por exemplo, destacaram as linhas que agregam as tecnologias Crina e RumiStar aos mineirais da companhia, gerando produtividade aos bovinos de corte e leite do País.

Edgar Moser Neto, supervisor de vendas da DSM Tortuga, diz que eventos como este são importantes para divulgar tecnologias, mostrando as novidades, com o intuito de aumentar a produtividade do pecuarista dentro da fazenda. “Seja em leite ou corte, trazemos nossos minerais com pacote tecnológico de alto nível,

EDGAR MOSER NETO,
SUPERVISOR DE VENDAS
DA DSM TORTUGA.

para buscar altas produ-
tividades em confinamen-
to”, declara.

Setor financeiro animado

Sempre presente na vida do produtor, oferecendo linha de créditos e serviços financeiros, o Bradesco é figurinha carimbada em feiras, como a Coopavel. E Roberto França, diretor de agro da instituição, diz que para o Show Rural o banco sempre leva linha completa de produtos e financiamentos para atender as necessidades em relação a máquinas e equipamentos, por exemplo. “Nossa equipe contou com quase 50 pessoas na feira, buscando viabilizar o financiamento para produtores de todos os tamanhos”.

Para França, atuar no segmento que mais cresce no País é uma grande oportunidade, pois o Bradesco tem sua

“NOSSA EQUIPE CONTOU COM QUASE 50 PESSOAS NA FEIRA, BUSCANDO VIABILIZAR O FINANCIAMENTO PARA PRODUTORES DE TODOS OS TAMANHOS”, DIZ ROBERTO FRANÇA, DIRETOR DE AGRONEGÓCIO DO BRADESCO.



origem no agro. “Possuímos uma estrutura completa em desenvolver produtos e serviços para este setor, além de estreitar nosso relacionamento, fazendo com que o cliente e a indústria rural cresçam e assim, possam financiar seu maquinário”.



Nova ameaça

Raça de mosca branca mais resistente a inseticidas é encontrada pela primeira vez em Mato Grosso. Inseto original da região do Mediterrâneo foi encontrado no Brasil pela primeira vez há cinco anos, no Rio Grande do Sul.

Texto: Gabriel Faria • Fotos: Divulgação





Pela primeira vez pesquisadores detectaram a presença da mosca branca (*Bemisia tabaci*) do biótipo Q em Mato Grosso. Considerada invasora no Brasil, esta raça tem como característica ser naturalmente mais resistente a uma gama de inseticidas utilizados na agricultura. Os indivíduos foram localizados em uma floricultura em Sinop (MT). Ainda não se sabe se já há presença desta raça nas lavouras da região.

A identificação foi feita em um trabalho coordenado pelo pesquisador da Embrapa Agrossilvipastoril Rafael Pitta, com auxílio de alunos de graduação do curso de Agronomia da UFMT, e contou com ajuda de pesquisadores da Unesp (Botucatu-SP), onde foi feita a identificação por meio da biologia molecular. A análise do DNA é a única forma de diferenciar as raças, uma vez que são visualmente idênticas. A mosca branca biótipo “Q” é originária da re-

RAFAL PITTA,
PESQUISADOR
DA EMBRAPA
AGROSSILVIPASTORIL:
“COMO ESTA RAÇA É
RESISTENTE A UMA
GAMA DE INSETICIDAS,
A PULVERIZAÇÃO
DAS LAVOURAS
PODERÁ SELECIONAR
INDIVÍDUOS DESTA
RAÇA, TORNANDO
MAIS DIFÍCIL E MAIS
CARO O CONTROLE
DA MOSCA BRANCA”.



gião do Mediterrâneo. Ela foi coletada e identificada pela primeira vez no Brasil no fim de 2013 por um grupo de pesquisadores em lavouras no Rio Grande do Sul. Desde então vem se espalhando pelo país, já sendo presente nos estados do Sul, em São Paulo e também em Goiás. Transmissora de viroses, a mosca branca causa danos em diversas culturas, com maior impacto econômico em pimentão, soja e algodão.

De acordo com Rafael Pitta, a iniciativa da busca pela praga em Mato Grosso começou após assistir a uma apresenta-

ção em um evento científico na qual viu que esta raça de mosca branca está presente em plantios de flores no estado de São Paulo. Como plantas daquela região são enviadas para todo o país, possivelmente já haveria indivíduos em outras regiões.

Alunos de uma disciplina ministrada por Rafael no curso de Agronomia da UFMT coletaram moscas brancas em tomateiro, hibisco, rabo de gato, trombeta de anjo e lantana em uma floricultura e nos jardins das próprias residências. De todos os indivíduos analisa-



dos, dois dos cinco presentes na lantana eram do biótipo Q. As demais eram do biótipo B, mais comum na região.

O pesquisador explica que a descoberta abre a necessidade de novas pesquisas para verificar se esta raça de mosca branca já está presente nas lavouras do estado. O risco maior é para as culturas da soja e do algodão. “Como esta raça é resistente a uma gama de inseticidas, a pulverização das lavouras poderá selecionar indivíduos desta raça, tornando mais difícil e mais caro

o controle da mosca branca”, explica Rafael Pitta.

De acordo com o pesquisador, enquanto não se aprofunda na investigação, a melhor ferramenta de prevenção é o manejo integrado de pragas (MIP).

“O exagero nas aplicações aumenta a pressão de seleção desta raça, favorecendo o estabelecimento dela nas lavouras. O melhor a fazer é monitorar a lavoura e somente aplicar o inseticida quando a infestação atinge o nível de dano”, orienta o pesquisador da Embrapa.

A responsabilidade socioambiental

• Por Marcos Nakagawa*

O ano letivo nas escolas e faculdade está começando e tenho certeza que esta pergunta virá por meio dos alunos e alunas ou pelos meus colegas professores. Neste momento muito delicado em que muitas vidas humanas foram retiradas e um sistema ecológico todo entrou e está entrando em colapso, fica muito evidente a enorme preocupação com o controle, a legislação e a gestão do impacto das ações empresariais no Brasil e no mundo. Fiquei tentado em escrever ou comentar como muita gente fez no começo deste triste momento de Brumadinho. Mas acabei acompanhando e escutando muitas versões e argumentos, e vi muita gente que da noite para o dia virou especialista em gestão ambiental, conhecedor de relacionamento com a comunidade, mineração, geografia e topografia etc. Não que o conhecimento deva ficar na alçada de somente um profissional, mas, temos que escutar, estudar e entender os especialistas para emitir opiniões e circular informações nas redes sociais que, ainda, muitas vezes, podem ser falsas. O aprendizado é muito importante, mas não podemos transformar as informações em verdades universais ou em hinos de torcida de time de futebol.

Realmente, para trabalhar nestes departamentos precisa ter muita resiliência para poder atender as várias demandas dos públicos impactados pela empresa, sabendo que dentro destes públicos estão também a comunidade e o meio ambiente. Os interesses são muitos, partindo pelos acionistas e as entregas de resultados; os clientes e consumidores, por serviços e produtos de qualidade; os fornecedores, por pagamento em dia e entrega; os funcionários pelas suas demandas diárias no trabalho, além de ter que prestar atenção ao processo produtivo para que não se perca nada. E ainda existe a gestão da comunidade do entorno e do meio ambiente em que está inserido. É um olhar holístico que os gestores e acionistas precisam ter cada dia mais. O olhar linear e a análise do real impacto de cada ação das corporações precisam ser revista urgentemente. A mentalidade dos novos gestores e acionistas precisa passar pela efetiva ação e pensamento diário do tripé da sustentabilidade: ambiental, social e financeiro. Este termo foi cunhado por John Elkington, que publicou em junho de 2018 na Harvard Business Review que está, inclusive, fazendo um recall deste termo. Neste ano de 2019, o conceito faz 25 anos e Elkington diz que precisa fazer uma afinação ou uma melhoria como as montadoras

fazem com os carros ou geladeiras quando vêm com problemas. O visionário diz que daqui a 25 anos poderemos olhar para trás e apontar que neste momento começamos colocar efetivamente a triplíce hélice na criação de valor e no código genético do capitalismo, estimulando a regeneração de nossas economias, sociedades e biosfera.

Se somarmos esta visão com os anseios desta sociedade que está indignada com esta falta de foco das empresas, com as questões ambientais e sociais, poderemos quem sabe transformar mais esta realidade. Além disso, tem muita gente trabalhando para fortalecer e engrandecer outros movimentos como o do Capitalismo Consciente, Empresas B, Negócios de Impacto Social, Finanças Sociais, Empreendedorismo Social, entre outros. Movimentos estes, que estão tentando agregar nas empresas, o real valor das questões ambientais e sociais, sem esquecer-se do lucro. Mas não levando o lucro dos acionistas acima de tudo, de vidas, da biosfera e de questões éticas.

Não podemos ser ingênuos e achar que empresas que buscam seus materiais na natureza têm que ser extintas de uma hora para outra. Ainda, para este tipo de sociedade, precisamos buscar a base dos nossos produtos e serviços na natureza. Mas, não é possível que temos tanta tecnologia, inteligência, pesquisa e tudo mais para fazer isso sem “machucar” ou impactar tanto a biosfera e as pessoas. Temos nanotecnologia, inteligência artificial, carros e drones andando sozinhos, exoesqueletos, robôs, biotecnologia, vamos para Marte e para Lua, e não fazemos o básico de gestão, arriscando vidas e a biosfera por um lucro grande e rápido.



() Marcus Nakagawa é professor da ESPM; coordenador do Centro ESPM de Desenvolvimento Socioambiental (CEDS); idealizador e diretor da Abraps; e palestrante sobre sustentabilidade, empreendedorismo e estilo de vida. Autor dos livros: 101 Dias com Ações Mais Sustentáveis para Mudar o Mundo e Marketing para Ambientes Disruptivos.*

CONTE COM A PROTEÇÃO FETAL DA CATTLEMASTER® GOLD PARA OBTER MELHORES TAXAS DE PREENHEZ

CONTE COM MAIS PROTEÇÃO PARA O SEU REBANHO COM CATTLEMASTER® GOLD, A ÚNICA VACINA QUE CONFERE PROTEÇÃO FETAL E REDUZ AS PERDAS EMBRIONÁRIAS E ABORTOS. TUDO PARA VOCÊ TER MAIOR PRODUTIVIDADE E CONTAR MAIS BEZERROS.



PREENHEZ, PROTEGIDA, MAIS BEZERROS SAUDÁVEIS.



zoetis

Copyright Zoetis Indústria de Produtos Veterinários Ltda. Todos os direitos reservados. Material produzido em junho de 2015. Para informações, consulte o SAC: 0800 011 19 19.



É UMA HONRA ESTAR TODOS OS DIAS AO LADO DE QUEM TRABALHA NO CAMPO.

A STIHL sempre acreditou na força de quem trabalha no campo. Essa gente acolhedora, alegre e trabalhadora que acredita no poder de fazer diferente e que não tem medo de pôr a mão na massa. E para fazer tudo isso, é preciso ter soluções que facilitem o seu dia a dia: produtos de qualidade, assistência técnica e a certeza de que, com a STIHL, sempre dá pra contar.



@STIHLBrasil



STIHL Brasil Oficial



@STIHLoficial

0800 707 5001

Sua história faz a nossa história. **STIHL**®